

A exposição como esse encontro de um grupo de artistas em torno da casa, pensando seus modos de habitar e suas possibilidades de construções de linguagens dentro do campo das práticas artísticas. Entrar no universo da casa é penetrar nas camadas que compõem nosso próprio corpo, entendendo-o como nosso primeiro abrigo. Essa primeira casa, pode ser um lugar de acolhida ou de tensão e as relações entre casa-corpo e corpo-casa, podem nos ajudar a entender a complexidade que existe no habitar. Deter-se sobre as ambiguidades que a casa carrega podem ser matéria poética e podem ativar elaborações e leituras sobre as próprias práticas dos artistas e da exposição que propomos na Casa Mulungu.

A partir de encontros e trabalhos propostos por um grupo de sete artistas, buscamos afinidades e contaminações entre a casa e as práticas e pesquisas de cada um. Como um exercício expositivo, que coloca um campo de contaminação entre arquitetura, arte e vida, compondo outras formas de habitar a casa em uma aproximação entre o processo de curadoria ao da prática artística. A arte entra aqui como esse campo diluído o mais próximo possível do corpo de quem a habita.

Bachelard vai trazer na “poética do espaço” um campo de possibilidades de exploração e construção não só poética mais psicanalítica do espaço da casa. A casa enquanto esse lugar que possibilita leituras e interpretações a partir dos modos de ocupação e relação com o espaço, “Examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo” (BACHELARD, 1957, pp. 196). A esse modo de olhar a casa, Bachelard vai chamar de “topoanálise”. E é pelos seus espaços mais íntimos, como as gavetas, os cofres e os armários, que é possível entender os espaços mínimos como construtores de memória, contribuindo para elaborações de imaginações poéticas cercadas de lembranças. Bachelard vai nomeá-los de “verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta”. Toda essa construção poética proposta por Bachelard é uma das chaves na construção do processo dessa exposição que foi cercado também pelas histórias e lembranças que cada artista trouxe em nossos encontros.

Consuelo Vezarro em sua pesquisa, que envolve uma manualidade quase gestual do construir. Seja no trabalho em que a artista constrói no jardim com cano de PVC, seja em suas pinturas pretas, seus trabalhos desenham um espaço e dão forma a uma fabulação através do exercício da linha.

Julia Pereira partindo desse corpo casa e do movimento desses corpos no espaço, formula uma espécie de inventário em suas pinturas. A linha, cor pincelada, compõe uma materialidade corporal que se articula no formato das suas telas, pesquisa que é desmembrada também na vídeo instalação e em sua ocupação na piscina, trabalhos que possuem uma afinidade poética e visual.

Nathalie Bohn também propõe ocupar um espaço específico da casa, o corredor onde a artista, através de correntes metálicas, cruza o espaço e ocupa de forma não linear, como se quisesse traçar rotas entre os espaços e trajetórias da casa. E como continuação de um processo de pesquisa em fotografia, a artista apresenta uma série de imagens fixadas no vidro da porta do jardim que adquirem transparência, ganhando uma sobreposição de camadas e construindo outros modos de visualidade ao incorporar a casa.

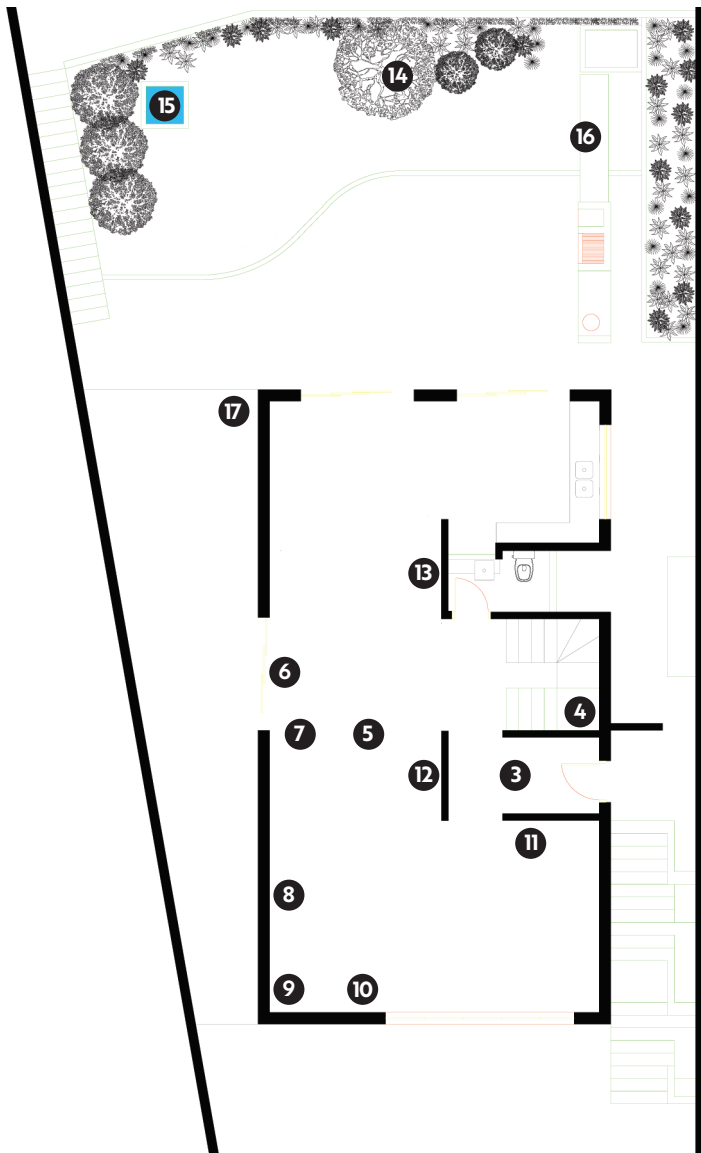
Rafael Ramos em suas pinturas articula tempo e memória através das camadas sobrepostas, seja de tinta, seja de fotografia, operando em um modo de relação com a paisagem e sobreposição de camadas de imagem no deslocamento feito pelo artista até a casa Mulungu onde aconteceram os encontros, entendendo a paisagem também como construção do repertório da casa. O artista propõe esse acúmulo de imagens, camadas de informações e construções de uma memória esparsa no ritmo de uma cidade como São Paulo.

Telma Hoyler fabula a casa em suas camadas de memórias corporais e materiais, nos levando a pensar a relação entre espaço e tempo. Em sua instalação em uma sala no térreo da casa, onde funcionavam consultórios de psicanálise dos antigos proprietários, a artista sobrepõe uma paisagem sonora em que vocaliza um texto escrito por ela sobre a relação com os trânsitos temporais da casa e da sua própria trajetória. Com palavra, linha e tecido, Telma costura e formula não só arquiteturas como também outros corpos nos espaços da casa.

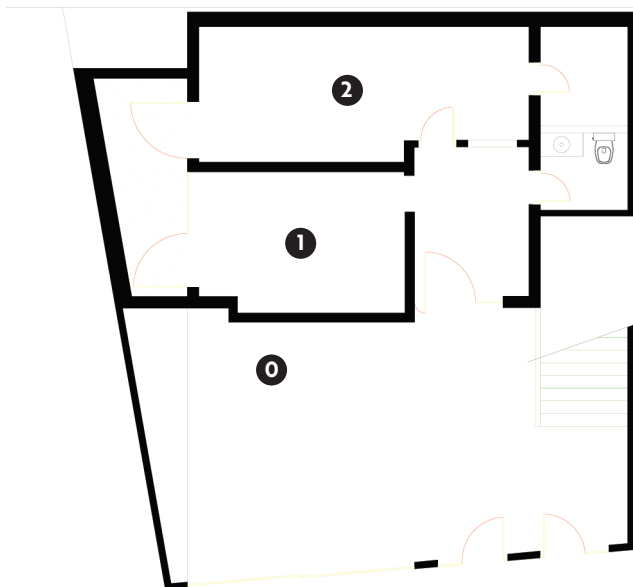
Edu Silva traz um ponto de inflexão na exposição, propondo ocupar alguns cantos da casa, pensando em relações raciais e na construção de desigualdades sociais no Brasil, que historicamente foi um projeto político. A materialidade e a formalidade intrínseca em seus trabalhos trazem uma camada de tensão pelo discurso criado pelo artista.

Thatiana Cardoso, em um discurso de corpo, lugar e objetualidade, insere em alguns móveis da casa, utensílios domésticos, que provocam uma diferença pela sua cor e geram uma ambiguidade nas leituras. A performance realizada na exposição ativa uma camada necessária para o debate do corpo feminino e tensiona o lugar muitas vezes romântico da maternidade. Os resíduos dessa performance se colocam no espaço da casa ativando também esse lugar da performance no campo da exposição.

Desse modo, incorporamos a casa como ponto de partida para pensar o corpo e as diversas possibilidades de se relacionar com esse espaço para além dos usos funcionais, domésticos e do ócio. Um exercício de fabulação que parte da casa como um corpo a fim de investigar as relações entre esses corpos e a possibilidade de coabitar em um estado de exposição.



PLANTA TÉRREO



PLANTA GARAGEM

0. **Telma Hoyler**
Não encaixa, 2023
Costura em tecido | 200 x 300 cm
1. **Telma Hoyler**
Inundação, 2023
Áudio 5'30"
2. **Julia Pereira**
A lifetime of sunshine, 2023
Video 02'23" | H.624, som estéreo
3. **Nathalie Bohm**
sem título, 2023
Instalação de correntes e chaves prateadas
100 x 150 x 250 cm
4. **Edu Silva**
Pacto 01, 2023
Mármore e papelão | 78 x 26 x 13 cm
5. **Telma Hoyler**
sem título, 2023
Caixas de papelão encapadas com tecido e costuradas
249 x 60 x 40 cm
6. **Nathalie Bohm**
Ao encontro do corpo, 2023
Série de 8 foto montagens em papel vegetal
42 x 29,7 cm e 21 x 29,7cm
7. **Edu Silva**
Pacto 03, 2023
Mármore e papelão | 49,5 x 11 x 7 cm
8. **Rafael Ramos**
Série Trajetos Vistos pelo Retrovisor, 2023
Acrílico e transferência de imagem sobre tela
Dimensões variadas
9. **Edu Silva**
Pacto 02, 2023
Mármore e papelão | 130 x 7 x 2 cm
10. **Consuelo Vezarro**
Anoitecimentos 1,2,3 e 4, 2023
Acrílica sobre tela | 24 x 18 cm
11. **Thatiana Cardoso**
Performance, 2023
Duração aproximada 1h30
12. **Julia Pereira**
A natureza das coisas, 2023
Óleo, pastel oleoso e bastão oleoso sobre tela e pedaço de chassi | 100 x 70 cm
13. **Thatiana Cardoso**
Objetos acionadores
14. **Consuelo Vezarro**
sem título, 2023
Canos e conexões de pvc | 300 X 170 X 100 cm
15. **Julia Pereira**
Estudo para "O fascínio da procura", 2023
Concreto, azulejo, espelhos, adesivo vinil e água
120 x 120 x 90 cm
16. **Julia Pereira**
O céu espera o sol, 2022 / 23
Óleo e bastão sobre tela | 80 x 120 cm
17. **Telma Hoyler**
sem título, 2023
Cordas de rede de balanço rompidas
150 X 240 x 240 cm